

Como desorganizar a economia

20 FEV 1995

JORNAL DE BRASÍLIA

JOÃO RENATO PINHEIRO

Por não conseguir manter regras estáveis na economia, o Brasil inviabilizou planejamentos a médio e longo prazos e se tornou um dos mercados de risco nem sempre passível de ser calculado. O País mudou, vem seguindo um processo de estabilização e de abertura da economia, salutar para quem produz e consome. E, nessa onda de mudanças e modernização, está conseguindo impor um bom ritmo de ajustes ao setor produtivo nacional, em busca de maior competitividade e inserção no mercado mundial, altamente disputado e agressivo.

Para provar que o Brasil mudou, mas não foi tanto assim, o Governo voltou atrás na política de abertura e alterou a alíquota de importação de veículos, além de fazer uma revisão na tabela de IPI, quebrando um acordo em torno do carro popular com data para vencer só em 96. Demonstra com isso a continuidade da antiga cultura nacional de mudar as regras no meio do jogo, de acordo com o interesse dos jogadores mais influentes no campo econômico.

Na tentativa de fazer pressão para mudar as regras econômicas valeu tudo, até utilizar a crise mexicana como bode expiatório devido à

sua dimensão e proximidade com o Brasil. Um dos pontos fulcrais da crise do México foi o déficit da balança comercial, fixado em 8% do PIB, sempre lembrado à medida que o Brasil apresentou em novembro e dezembro, depois de números desencontrados, volume maior de importações em detrimento das exportações, embora em proporção bem menor do que a exibida pela economia mexicana, além de estar vivenciando o agravante das distorções geradas pela política cambial. Essas diferenciações não são lembradas, porém, porque tornariam a crise menos ameaçadora e minaria os argumentos contra a importação.

Rever a política de abertura da economia é acenar para o País com um retrocesso e um duro golpe na liberalização do mercado. Nos últimos quatro anos, com a ampliação das importações, o comércio ganhou poder de barganha e o consumidor brasileiro obteve uma queda significativa nos preços, além de ampliação e sofisticação de produtos. O consumidor brasileiro cansou dos frutos do capitalismo monopolista, gerador de produtos de qualidade inferior e a preços muito acima do mercado internacional. Sem o chamado choque da oferta, a modernização e a competitividade

não se tornarão uma realidade da economia brasileira.

O temor do Governo de que o incremento das importações leve à recessão interna é, na verdade, a reprodução de um antigo vício do protecionismo. Não há dúvida sobre a necessidade de se resguardar a indústria nacional de uma abertura predatória, mas nada justifica retroceder na desregulamentação da economia. Como todo país emergente, a produção no Brasil não pode continuar a viver à sombra de um mercado cativo, criado e imposto pelo Estado. O Brasil tem de encerrar o ciclo do protecionismo para que possa efetivamente inserir sua economia no mercado mundial.

As mudanças nas regras dos importados só servem para desorganizar a economia brasileira e colocar uma pedra a mais no meio do caminho da modernização. Se o Brasil não continuar em ritmo acelerado a abertura de sua economia, pagará um preço alto por tardar seu reajuste à globalização. O País não precisa de restrições às importações para ampliar o desenvolvimento, mas de criar condições para ser mais competente e vencer o desafio do crescimento sustentado.

■ João Renato Pinheiro é empresário